

# **Ecopedagogia: implicações de uma escola sustentável na educação dos anos iniciais do ensino fundamental<sup>1</sup>**

Autora: Nadriéle Goin<sup>2</sup>

Orientadora: Elisabeth Maria Foschiera<sup>3</sup>

## **RESUMO**

O presente artigo trata sobre o tema da Ecopedagogia, cujo objetivo geral é identificar as maneiras de implementação desta nos anos iniciais do ensino fundamental. A metodologia utilizada por este estudo tem abordagem qualitativa e método de produção de dados a pesquisa bibliográfica. Atualmente, as crianças estão cada vez mais conectadas com as telas e desconectadas com a natureza que as envolve. Por tal motivo, a Ecopedagogia é uma tendência para tornar a escola tradicional mais ecológica, porém não é uma tarefa simplista. Desse modo, compreender como a Ecopedagogia pode contribuir para a implantação de uma escola sustentável é imprescindível. A partir das leituras realizadas, podemos concluir que não é preciso muito para tornar a escola sustentável, sendo esta uma possibilidade viável a todos. A Ecopedagogia e os princípios da Carta da Terra devem ser os norteadores para as práticas escolares que visam formar cidadãos planetários, isto é, que consigam ver as belezas além do lucro e que se preocupem com a sobrevivência do grande lar da humanidade.

**Palavras-chaves:** Ecopedagogia. Escola. Anos iniciais. Sustentabilidade.

## **Introdução**

O presente artigo trata sobre o tema da Ecopedagogia, cujo objetivo geral é identificar as maneiras de implementação desta nos anos iniciais do ensino fundamental, indicando possibilidades de tornar a escola contemporânea sustentável, tomando por base as pesquisas científicas realizadas sobre esse contexto.

A metodologia a ser utilizada por este estudo tem abordagem qualitativa e o método de produção de dados a pesquisa bibliográfica. Por meio de pesquisas e leituras de livros e artigos científicos visa-se a elaboração, análise e construção de dados acerca do tema em questão.

A linha de pesquisa é a Docência, a qual questiona e estuda as práticas e os desafios pedagógicos da educação básica. São integrados a essa linha assuntos que se relacionam a toda a realidade escolar, como, por exemplo, a gestão escolar, as políticas públicas, desenvolvimento no processo de ensino e de aprendizagem. Neste sentido, exemplifica Freire:

A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer [...]. O que se precisa é possibilitar, que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica” (FREIRE, 2001, p. 42-43).

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Pedagogia, pela Universidade de Passo Fundo, Campus Passo Fundo- RS e autora deste trabalho.

<sup>3</sup> Professora Mestre da Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo e orientadora deste trabalho.

Atualmente, as crianças estão cada vez mais conectadas com as telas e desconectadas com a natureza que as envolve. Por tal motivo, a Ecopedagogia é uma tendência para tornar a escola tradicional mais ecológica, mas não é uma tarefa simplista. Desse modo, pergunta-se: como a Ecopedagogia pode contribuir para a aproximação das crianças dos anos iniciais do ensino fundamental com a natureza?

A sustentabilidade é um dos assuntos mais discutidos na sociedade atual. As mídias e as instituições, principalmente as ONGs, realizam incansáveis campanhas de conscientização. A preservação da água, a extinção das espécies, o desmatamento das florestas, o lixo exagerado, a poluição do ar e dos mares, entre muitos outros fatos, constituem o foco das publicações. Mesmo com toda essa motivação para informar e tentar mudar os hábitos da população nota-se que não há de fato a resolução dos problemas ambientais.

Os governantes possuem sua parte de responsabilidade, de modo que em meio a um cenário de negociações políticas e de interesses econômicos acabam por negligenciar os cuidados ambientais. Entretanto, de nada adianta a realização de campanhas e políticas que visam a preservação do planeta, se a população não concede a devida atenção que o meio ambiente merece. De que forma é possível mudar isso?

Uma das possibilidades viáveis à problemática exposta é por meio da educação. Talvez seja um pouco mais complicado alterar hábitos que já estão enraizados em adultos tradicionais, porém as crianças constituem uma nova geração, que precisa ser educada a exercer o papel de cidadão planetário consciente.

Destaca-se que é preciso aprender a existir sem destruir. Uma única criança que aprende, por exemplo, que deve separar o lixo na escola, levará esse aprendizado para casa e disseminará tal conhecimento com sua família. A educação contemporânea precisa agir, mesmo que o resultado seja de longo prazo.

Para a educação ter eficácia nessa ação, é essencial adotar a perspectiva da Ecopedagogia. Trata-se de promover experiências reais e sustentáveis. A escola pode construir uma estrutura ecológica, que vai desde a separação do lixo até o reflorestamento de seu pátio. Ações simples, porém necessárias para a mudança de hábitos dos diferentes segmentos do contexto escolar.

Na contemporaneidade, muitas crianças que frequentam os anos iniciais do ensino fundamental não tem contato direto com a natureza. Nesse cenário, indaga-se: como irão preservar algo que não vivenciam? Portanto, é recomendado dar significado ao meio ambiente, mostrar seus atributos e quais atitudes colaborarão com a sua preservação. Além disso, há a necessidade de expor o que está além das telas e das salas de aula, ou seja, os saberes científicos

estudados e compartilhados pelos professores, para que estes transcendam os limites da sala de aula e atinjam a comunidade escolar.

Desse modo, compreender como a Ecopedagogia pode contribuir para a implantação de uma escola sustentável é imprescindível. Dentro do contexto apresentado, verifica-se que a informação constitui o principal instrumento para que os educandos saibam o que podem fazer para mudar a atual situação do meio ambiente e como eles, tão pequenos, podem ajudar a salvar as tartarugas, a floresta ou até mesmo o rio da cidade.

O presente estudo, portanto, visa mostrar como é possível transformar a educação e a escola tradicional em prol de uma sociedade de cidadãos sustentáveis e ecologicamente corretos. Todos possuem em suas mãos o poder de salvar o meio ambiente, bastando dar o primeiro passo, seja este como educador ou como cidadão.

Na premissa de desenvolver a problemática exposta, o artigo está estruturado em três subtítulos, quais sejam: 1. A Carta da Terra da UNESCO como orientadora das práticas escolares sustentáveis nos anos iniciais do ensino fundamental; 2. Elementos que possibilitem às escolas o contato das crianças com a natureza; 3. Possíveis estratégias para promover uma escola sustentável.

## **1. A Carta da Terra da UNESCO como orientadora das práticas escolares sustentáveis nos anos iniciais do ensino fundamental**

A sociedade capitalista no qual as instituições de ensino estão inseridas, por vezes, negligencia a causa ecológica. Durante toda a história do Brasil e do mundo o homem colonizou de modo desenfreado. A urbanização é relacionada com desenvolvimento e, conseqüentemente, com preenchimento de cimento ao invés do verde nativo. (GADOTTI, 2000, p. 11)

A ideia de educação sustentável chega juntamente com a divulgação da Carta da Terra, como marco para a transformação educacional. A Carta da Terra se trata de uma publicação orientadora da UNESCO, adotada internacionalmente e que inclui o Brasil. Nela constam medidas possíveis para a transformação da sociedade de forma mais cidadã, justa e sustentável. Todavia, a Carta da Terra foi publicada em 2000 e o que se vê atualmente não é um progresso muito significativo. É nesse momento que a Ecopedagogia entra em ação. (UNESCO, 2000)

A Ecopedagogia é uma tendência pedagógica, ou seja, ela não determina uma metodologia específica, mas defende práticas escolares sustentáveis. Segundo Gadotti, a Ecopedagogia é o estudo dos seres que vivem em um grande espaço, que é o planeta Terra:

Como a ecologia, a ecopedagogia também pode ser entendida como um movimento social e político. Como todo movimento novo, em processo de evolução ele é complexo e muitas vezes mal entendido, como as expressões ‘desenvolvimento sustentável’ e ‘meio ambiente’. [...] A população conhece o que é lixo, asfalto, barata... mas não entende a questão ambiental sua significação mais ampla. Daí a necessidade de uma ecopedagogia, uma pedagogia para o desenvolvimento sustentável. (GADOTTI, 2005, p. 04)

Visando a criação de uma nova consciência para os cidadãos do futuro, a Ecopedagogia constitui a ponte que permite que os fundamentos previstos na Carta da Terra sejam edificados na educação. A Carta da Terra prevê uma mudança de valores éticos globais, isto é, que se crie a consciência de que, mesmo estando no extremo sul ou no extremo norte, todos os seres humanos fazem parte de um mesmo planeta e tem responsabilidade sobre a sobrevivência ecológica dele.

Dessa forma, a questão mais urgente é a relação exagerada de consumo. O que realmente os seres humanos precisam para sanar suas necessidades básicas de sobrevivência? Obviamente, não precisam do carro do ano e do celular de última geração. As crianças não precisam de bonecas que falam, nem mesmo de carros de controle remoto de ampla distância, elas só precisam que se permita viver. Em concordância com Gadotti (2000, p. 107), isto é colocado como necessidade básica pelo sistema capitalista de consumo. Esse sistema faz com que se pense que futilidades são necessidades. Tudo constitui um ciclo vicioso: ao adquirir um produto, já se almeja outro. A satisfação plena dificilmente é alcançada. Assim sendo, ao diminuir as necessidades banais, mais perto da felicidade se estará.

A própria educação escolar induz as crianças ao consumo. O “*American Way of Life*” é uma tendência de vida, em que se adota o padrão de vida americano como o ideal. (REIGOTA, 2011, p. 67). As crianças brasileiras possuem acesso a esse padrão fora e dentro das escolas, o que as leva a idealizar e desejar o consumo. Ao ter contato com as mídias televisivas, internet e especialmente a indústria cinematográfica, o que elas encontram são inúmeras publicidades que mexem com seu imaginário infantil. São brinquedos ditos “interativos” (que não apresentam muitas possibilidades para brincar) e personagens, que conquistam o apreço dos pequenos.

O exemplo mais clássico e evidente da problemática ecológica causada pelas sociedades de abundância é o modelo econômico e cultural da “*American way of life*”, que ocorre não só nos países desenvolvidos, mas também em muitos lugares dos países considerados subdesenvolvidos. Esse estilo de vida tem no consumismo a sua razão de ser. Consome-se uma enorme quantidade de produtos perecíveis, desnecessários, descartáveis, além de recursos naturais não renováveis e poluidores como o petróleo e os seus derivados. (REIGOTA, 2011, p. 67)

Na escola, esse estilo de vida consumista não é deixado de lado. A própria decoração das salas de aula, os desenhos nas atividades, as mochilas e as roupas dos colegas, induzem à indústria do consumo e se relacionam aos personagens famosos. Vaz e Castro (2016, p. 25) atribuem tal condição à “Disneytização da Cultura Infantil”, que se trata de um questionamento acerca de como os personagens da Disney estão mais presentes na escola do que os próprios personagens da cultura nacional. As princesas e os super-heróis não são apenas personagens de entretenimento infantil, eles são objetos de consumo.

Os professores em sala de aula são divulgadores dessa cultura consumerista: os livros, os brinquedos, a decoração, a contação de história; Tudo foge de uma origem brasileira e real para a criança. Segundo Vaz e Castro (2016, p. 26), os filmes e produtos, especialmente da Disney, exercem “o papel de máquinas de ensinar, incultando e permeando nas crianças, desde muito cedo, a ideologia cultural americana, o consumismo desenfreado [...]”.

O sétimo princípio da Carta da Terra (UNESCO, 2000, p. 3) institui que se deve “adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário”. Resta claro que induzir as crianças desde cedo não se inclui nos padrões de consumo que o planeta Terra precisa para a garantia de sua existência. Tal instigação é ainda mais desnecessária quando os produtos em questão são brinquedos plásticos, poluentes de pouca durabilidade e que, ainda, não proporcionam à criança a interação do brincar lúdico que ela precisa para o seu desenvolvimento.

Sabe-se que, atualmente, somente a informação não é conhecimento, é preciso compreender até mesmo as entrelinhas desta informação. Desse modo, a educação ambiental e a Ecopedagogia podem auxiliar na formação de pequenos cientistas, pois quanto mais conhecimento os educandos tiverem sobre o meio ambiente, mais se sentirão parte dele e protagonistas da sua proteção. Nesse sentido, [...] é no ambiente escolar, principalmente nos anos iniciais, entre os pequenos estudantes e pesquisadores iniciantes, que se desenvolve o espírito científico, o interesse pelas questões ambientais e a formação de hábitos para uma atuação mais crítica e comprometida com o meio ambiente. (TALINA; MEIRELLES, 2016, p. 2)

A implementação de práticas sustentáveis na escola tradicional de ensino fundamental é um desafio diário e constante, sendo, por tal motivo, que a Carta da Terra existe para auxiliar nas rotinas sustentáveis. Entende-se que a efetivação é complicada, pois envolve investimentos e quebra de paradigmas. Ressalta-se que a Ecopedagogia, que tem a preocupação com a relação saudável com o meio ambiente, dá enfoque maior ainda ao sentido desenvolvido pela existência humana, na vida cotidiana.

Nos anos iniciais, as interações entre os pares são muito intensas. As crianças desejam ser incluídas no grupo e, muitas vezes, os produtos são tidos como ingresso para a cultura de grupo. A Carta da Terra preza a simplicidade e a igualdade. Não se terá nada disso se os próprios educadores impulsionarem as relações de consumo que muitas famílias não podem acompanhar. É preciso que se valorize o que é nacional e, especialmente, o que é menos degradante para o planeta, afinal é possível ensinar, sem princesas de plásticos ou carrinhos metálicos, que a criança deve ser a protagonista do processo, e não um personagem midiático.

## **2. Elementos que possibilitam às escolas o contato das crianças com a natureza**

Há algumas décadas atrás, a escola não precisava se preocupar em incentivar o contato das crianças com a natureza. As crianças viviam em regiões do interior ou, frequentemente, brincavam em áreas verdes, como parques e terrenos sem construções. Todavia, a situação mudou substancialmente e, desse modo, os adultos devem refletir sobre a importância que esse contato com a natureza tem para a população em geral. Por questão de segurança, as crianças foram trancadas em espaços fechados junto a uma tela luminosa. Em concordância, Louv ressalta que:

Muitas pessoas da minha geração se tornaram adultos assumindo que a presença da natureza estava garantida; nós presumíamos- quando pensávamos no assunto – que as gerações futuras também teriam contato com esse universo. Mas alguma coisa mudou. Agora vemos o surgimento do que passei a chamar de transtorno do déficit de natureza. Esse termo não representa, de forma alguma, um diagnóstico médico, mas oferece uma maneira de pensar sobre o problema – com foco nas crianças e em todos nós também. (2016, p. 32)

Ao falar do transtorno do déficit de natureza, Richard Louv se refere a como as crianças foram desapegando do brincar a céu aberto e como as famílias contribuíram para isso, de maneira que a falta do contato com o ambiente natural afeta profundamente seu desenvolvimento e sua saúde física e mental.

Ainda em concordância com Louv “Os sistemas educacionais bem-intencionados, a mídia e os pais estão efetivamente deixando as crianças com medo de chegar perto de matas e campos” (2016, p. 24). Não se pode tirar totalmente a razão dessas famílias superprotetoras. A segurança para permitir que as crianças brinquem livremente não é a mesma de 20 anos atrás. Mesmo assim, as crianças precisam de momentos para explorar o mundo em que aprenderão a chamar de casa, testar os limites de seu corpo, e assim aprender a cuidar de sua grande casa. Conforme Louv, “[...] novos estudos sugerem que a exposição à natureza pode reduzir os

sintomas do TDAH (transtorno do déficit de atenção e hiperatividade), e melhorar as habilidades cognitivas e resistência das crianças ao estresse e à depressão”. (2016, p. 57)

Nas salas de aula, não é difícil encontrar crianças com TDAH, autismo, entre outras síndromes, que as deixam agitadas e, conseqüentemente, com mais dificuldade ao aprender. Ao ficarem fechadas em salas de aula, as crianças ficam ainda mais tensas, o que resulta em comportamentos agressivos com seus pares. Estudos relatam que, ao estarem em espaços com gramados e árvores, essas crianças apresentam níveis de socialização satisfatórios, que não são vistos em sala de aula. Isto é, quanto maior for a aproximação das crianças do contato com a natureza, mais se diminuirá as tensões, aumentando o bem-estar delas. Segundo Louv, aumentando o contato das crianças com o ambiente externo é, muitas vezes, poupá-las do uso contínuo de medicamentos calmantes, como a Ritalina (2016, p. 88 e 119). Ainda para o Autor, “Mais tempo na natureza - combinado a menos televisão e mais brincadeiras estimulantes e ambientes educativos - pode ter grande efeito para reduzir o déficit de atenção nas crianças e ser igualmente importante para aumentar sua alegria de viver” (LOUV, 2016, p. 128)

Além das tensões emocionais, trancar as crianças em prédios tem outro impasse: o sedentarismo e a obesidade infantil. Segundo Louv (2016, p. 140), “[...] o tempo na natureza não é de lazer, é um investimento na saúde infantil”. Enquanto as crianças estiverem ao ar livre, acompanhadas de outras, elas têm inúmeras possibilidades, de modo que podem exercitar o físico e o mental sem mesmo perceberem, ou seja, cuidam da sua saúde sozinhas quando vivem a infância como deve ser. Outro ponto que Louv (2016, p. 138) destaca é a descrição do brincar feita pelas crianças. Aulas de dança, futebol, piano, entre tantas outras, não são consideradas brincadeiras, mas obrigações. Os pais, bem intencionados, lotam a rotina de seus filhos buscando garantir um futuro profissional, investindo em cursos de idiomas, informática. Porém quando essas crianças realmente podem ser apenas crianças? Trata-se de permitir um tempo ocioso para que ela e seus pares possam sair da supervisão e das regras dos adultos e viverem as aventuras lúdicas, se possível em espaços verdes.

Em razão do fato de que a rotina das crianças no contra turno da escola é tomada por outras atividades curriculares, a escola precisa dar uma força para que essas crianças não sejam totalmente privadas do contato com a natureza, em prol de sua própria saúde. Não será preciso grande investimento financeiro, sendo que o brincar livre fica ainda melhor se acompanhado de brinquedos feitos de sucata ou brinquedos simples, de modo que, por vezes, a própria imaginação das crianças substitui o brinquedo físico. Segundo Machado (1994, p. 44), sugerir a brincadeira livre, sem objetos eletrônicos e industrializados é, no contexto da vida urbana, uma ironia a estrutura da cidade e da sociedade capitalista de consumo na qual as crianças estão



inseridas. De qualquer modo, é na escola que a criança aprenderá a valorizar as coisas que o dinheiro não pode comprar e, voltando no que afirma Gadotti (2000, p. 107), a simplicidade é a maneira mais fácil de chegar à felicidade, aliada a uma vida mais saudável para a criança e para o planeta.

Desse modo, se as crianças estão sofrendo com o déficit de natureza, isso é questão a ser debatida e enfrentada pela escola, que também deverá realizar a devida interferência. Aproximar a criança da natureza é conectá-la com a simplicidade do viver, se aproximando do pensamento propagado pela Ecopedagogia. Família e escola trabalhando juntas podem mostrar à criança que há um universo maravilhoso para descobrir, que ela pode chamar de lar. Esse universo é sua grande casa e ele tem muito mais a oferecer do que as telas luminosas.

### **3. Possíveis estratégias para promover uma escola sustentável**

A humanidade foi perdendo os valores éticos que a caracterizam como humanidade. Segundo Foschiera (2000, p. 48), a Pedagogia da Terra proposta por Gadotti carrega a esperança de recuperar o que foi perdido historicamente, os valores mais simples como o amor, a honestidade, a compaixão, entre outros. Por isso, é preciso uma mudança de pensamento não só das gerações futuras, mas também das gerações que hoje atuam como educadores e formadores de cidadãos do futuro, dos cidadãos planetários.

Os problemas ambientais são globais e recebidos de diferentes formas nas diferentes partes do globo. Contudo, a educação atua com soluções regionais e locais, mais rápidas e eficientes. Gadotti (2007-2008, p. 76) traz um conceito pouco conhecido, o da alterglobalização. Trata-se de um novo jeito de viver, de buscar alternativas para conciliar bem-estar humano, desenvolvimento e sustentabilidade. Dessa forma, a educação é a porta de entrada para esse novo jeito de viver para a maioria das crianças, que são criadas sob um sistema capitalista de exploração e consumo. Segundo o Autor, “para introduzir uma cultura de sustentabilidade nos sistemas educacionais, nós precisamos reeducar o sistema: ele faz parte tanto do problema, como também faz parte da solução”. (GADOTTI, 2007/2008, p. 77)

Uma educação sustentável, então, depende de uma cultura sustentável. Na escola, especialmente nos anos iniciais em que já existe domínio da língua falada e escrita, a produção de cultura ocorre em escala máxima. Os alunos e sua família estão em contato com diversos meios que os influenciam na produção individual de sua cultura, e a escola, talvez, seja o principal desses meios. Segundo Abuhab e Blauth:



A avaliação em uma perspectiva sustentável acontece no próprio processo educativo através de suas estratégias, procedimentos e atividades de aprendizagem, que compõem o fazer pedagógico na vida cotidiana. É feita de forma participativa, horizontal e circular, levando em consideração tanto os aspectos racionais quanto os emocionais, questionando sempre se houve sentido nos passos que foram dados, contextualizando-os dentro de cada realidade. Aprendemos recriando o mundo, e ao recriar o mundo, comungamos com o planeta e com o universo do qual fazemos parte (2011, p. 113).

A educação sustentável não poderá adotar um modelo padrão de metodologias e práticas universais. Confrontar um sistema consolidado há alguns anos é um grande desafio, mas talvez seja a hora da educação plantar a semente ambiental que se deseja colher no futuro, porém, o modo como isso será feito, possivelmente, ainda seja uma incógnita para muitos.

Para tornar a escola sustentável, professores, gestão escolar, alunos e famílias devem se unir para que as práticas sejam transformadas. Em concordância com Foschiera (2000, p. 51), quando uma comunidade está engajada em proporcionar uma educação sustentável, os resultados são melhores e se passa a valorizar a vida, e não o lucro. Dessa forma, até mesmo os materiais e recursos pedagógicos utilizados na escola passam a ser repensados. A escola pode alternar seus investimentos em brinquedos e jogos eletrônicos, e, principalmente, investir em áreas verdes. Induzir as crianças dos anos iniciais a passarem mais tempo em áreas externas é importante, portanto também é possível investir nos esportes e jogos interativos, como alternativa para as crianças maiores que já não “brincam” com tamanha avidez.

A Ecopedagogia tem muito a oferecer no que diz respeito à transformação da escola. Ela é uma tendência recente, sendo que seus princípios não instituem metodologias regradadas, pelo contrário. Trata-se de adequar o currículo de acordo com a realidade da comunidade escolar. Deve-se realizar o questionamento: O que esta comunidade local pode fazer para contribuir com o planeta em âmbito global? Ao trabalhar com esse conceito amplo, utiliza-se um dos princípios da Ecopedagogia: a transdisciplinaridade. Gadotti (2000, p. 39, 131 e 132) relata como a globalização fragmentou os conhecimentos no que diz respeito ao movimento ecológico, modifica-se para a “teoria da complexidade”. Tal conceito significa que se deve avaliar o todo, não somente a equação que representa isto, as regras gramaticais ou como se realiza a fotossíntese. Tudo faz parte de um todo, sendo que a transdisciplinariedade, portanto, não visa a extinção das disciplinas, mas a união delas para um trabalho sustentável em todas as suas práticas, em que cultura e ciência não são polos opostos, e social e ambiental andam juntos, lado a lado.

Gadotti (2000, p. 11) afirma ainda que não se fala sobre “um sistema de produção que não vê a natureza como parte de nós e que pouco se preocupa com sua destruição”. A Terra foi

divida de acordo com os interesses dos grandes afortunados, de modo que os educadores não podem permitir que a educação separe a natureza da essência do ser humano, que deve aprender a conviver e respeitar o ecossistema em que está inserido, de forma a permitir a idealização da educação planetária. Ainda parafraseando Gadotti (2000, p. 141), “Os currículos escolares, numa visão ecopedagógica, deverão incluir desde os estudos infantis não apenas o estudo do ambiente natural, o entorno, os contextos urbanos, mas a história da Terra e do universo”.

Além da mudança de conceitos sociais de consumo, de produção exagerada de lixo ou de quaisquer outros paradigmas insustentáveis, a escola pode contribuir mudando sua estrutura física. Manter o gramado, convidar a comunidade e as crianças para cuidarem do jardim, conversar com o poder público para garantir a segurança das crianças em áreas externas, constituem medidas simples, de baixo custo e muito significativas no processo de conversão para a Ecopedagogia. Estar em um ambiente ecológico, além de proporcionar o bem-estar, faz com que as crianças aprendam a valorizar o seu grande lar. Os conteúdos sobre como a poluição pode afetar o planeta e os animais, por exemplo, ganham um novo significado quando o planeta em questão tem a definição de lar, de modo que isso deixa de ser um problema do outro lado do mundo e passa a ser algo real e que exige cuidado. Estudos comprovam como apenas a visão para um pátio verde pode ser válida, estar em contato direto pode fazer muito mais (LOUV, 2016, p. 76).

A educação pode desempenhar um papel crucial na transformação necessária para as sociedades ambientalmente mais sustentáveis, em conjunto com iniciativas do governo, da sociedade civil e do setor privado. A educação define valores e perspectivas, além de contribuir com o desenvolvimento de habilidades, conceitos e ferramentas que podem ser usadas para reduzir ou acabar com práticas não sustentáveis. (BENAVIDES, 2016, p.11)

Os seres humanos adequaram a natureza para as suas necessidades, e não o contrário. Foschiera e Tessaro (2007, p. 578) falam de uma realfabetização ecológica. De fato, o que o sistema social precisa é parar de ver o lucro como objetivo para tudo o que se faz, parar de induzir as crianças a gostarem de permanecer em ambientes fechados em frente aos aparelhos eletrônicos, parar de idolatrar personagens que não pertencem à cultura local e parar de induzir ao consumo frenético. Realfabetizar é necessário, porque a natureza está na essência humana, e ambas são indissociáveis, sendo preciso, e neste contexto a educação pode ajudar, descobrir como deixar que essa essência não seja reprimida pelo dinheiro e pelo cimento.

## **Considerações Finais**

A natureza é a essência do ser humano. Em questão de décadas, os indivíduos como um todo abandonaram o verde e tornaram-se uma espécie longe de suas origens. Não bastando esse afastamento, o progresso econômico e tecnológico ainda foi responsável por uma degradação ambiental de larga escala. Todavia, ainda é possível salvar o planeta. A Ecopedagogia e a Carta da Terra foram criadas para mostrar à humanidade que há um caminho simples a seguir, em que pequenas mudanças geram grandes resultados.

Antes de se ver claramente as mudanças físicas no planeta, como a diminuição da poluição ou maior preservação das espécies, deve ocorrer uma mudança social. Quando se trata de uma mudança social, o meio mais efetivo de tocar a população é por meio da educação. E uma educação voltada para a sustentabilidade também pode ser chamada de Ecopedagogia. A Ecopedagogia não propõe uma metodologia regrada e igual a todas as escolas, ela propõe uma mudança de cultura, uma nova cultura da paz, da boa convivência, da igualdade, do amor e da compaixão, seja com o outro ou com o meio ambiente.

Nos anos iniciais do ensino fundamental, as crianças ainda são livres de preconceitos e barreiras. Elas estão dispostas a aprender e a vivenciar novas experiências. Porém, sua inocência infantil faz com que elas sejam suscetíveis à influência da mídia. A sociedade capitalista quer o consumo, e tem a mídia como sua cúmplice. Em primeiro plano, antes de ensinar sobre meio ambiente, a escola deve ter o cuidado para não ser mais um disseminadora dessa cultura consumista.

A Carta da Terra é um mapa para esse caminho que a educação deve seguir. Tratar sobre a questão ambiental não é um desenho no dia do meio ambiente. Os educadores precisam estar atentos a sua responsabilidade enquanto formadores de cidadãos planetários. Se as famílias não permitem que as crianças tenham contato com a natureza, a escola deve se estruturar para possibilitar momentos de liberdade a céu aberto. É preciso combater o déficit de natureza que assola a nova geração. As crianças precisam desse contato com o verde para sua saúde mental e física e, sobretudo, para aprender a valorizar e preservar as maravilhas que é a sua grande casa, ou seja, o Planeta Terra. Tornar a escola sustentável não exige grandes investimentos financeiros, exige mudança de atitudes.

No livro “Mulheres que correm com Lobos”, de Clarissa Pinkola Estés (2018, p. 17), há um trecho que a autora exemplifica a sorte que as gerações passadas tiveram em crescer em meio à natureza: “Tive a sorte de crescer na natureza. Lá, os raios me falaram da morte repentina e da evanescência da vida”. Por que é isso que a natureza faz com quem se permite o contato, ela educa, ela transforma, ela mostra suas belezas e a necessidade de não deixar sua vida morrer.

Os adultos não podem negar às crianças de hoje que elas tenham as mesmas aventuras incríveis que marcaram sua infância, como um período mágico em meio a natureza.

A Ecopedagogia é uma tendência pedagógica que a escola do futuro, e para o futuro, precisa adotar. É mais do que salvar os ursos polares ou as tartarugas marinhas, é salvar as crianças de uma vida sem sentido. É mostrar que pequenas ações da comunidade podem sim fazer uma grande diferença para o futuro do Planeta. As crianças são o público alvo dessa nova educação, porque trazem consigo a esperança de uma geração que não coloca o lucro em primeiro plano, que sabe enxergar a felicidade nas coisas mais simples da vida. Se a educação não for capaz de ensinar que se pode ser feliz com pouco e que se pode viver em harmonia com a natureza, ela perdeu sua essência. A própria humanidade precisa resgatar sua essência.

Portanto, a Ecopedagogia consiste em um instrumento de transformação social viável e que está ao alcance de todos os educadores, bastando disponibilidade e paixão pela vida. Os rios e as florestas clamam por cuidados, as flores imploram por um olhar encantando, os animais pedem por um carinho, o Planeta pede pela vida. A humanidade necessita contemplar e salvar essa vida.

### **Referências:**

ABUHAB, Patricia; BLAUTH, Guilherme. Escola sustentável. In: ARRUDA, Vera Lícia Vaz de; HANAZAKI, Natalia. (Org.). Tecendo reflexões em educação e meio ambiente. Florianópolis: Editora UFSC, 2011. p. 103-113.

BENAVOT, Aoron (diretor). MENDES, Marina (tradução). Educação para as pessoas e o planeta: criar futuros sustentáveis para todos. In: \_\_\_\_ *Relatório de monitoramento global da educação* – resumo. Paris (França): UNESCO, 2016.

FOSCHIERA, Elisabeth Maria. Educação Ambiental e Desenvolvimento: as implicações pedagógicas do projeto Pró- Guaíba na escola Pólo-2 – Passo Fundo. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 20 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que Correm com Lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

GADOTTI, Moacir. *Ecopedagogia e Educação para a Sustentabilidade*. UDESC, 2005. Disponível em: <http://oguata.cead.udesc.br/wp-content/uploads/2016/09/Gadotti-2.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2020.

GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Terra*. 4 ed. São Paulo: Peirópolis, 2000.

GADOTTI, Moacir. Educar para a Sustentabilidade. Revista *Inclusão Social*, Brasília, v. 3, n. 1, out.07/mar. 08.

LOUV, Richard. *A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno de déficit de natureza*. 1 ed. São Paulo: Aquariana, 2016.

MACHADO, Maria Marcondes. *O brinquedo sucata e a criança*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

REIGOTA, Marcos. *A floresta e a Escola: por uma educação ambiental pós moderna*. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TALINA, Maria Duarte Lopes; MEIRELLES, Rosena Moreira Silva de. Percepção Docente sobre a Educação Ambiental nos anos iniciais do ensino fundamental. *Revista Ciências e Ideias*, v.7, n. 2, maio-agosto 2016. Disponível em: <https://revistascientificas.ifrj.edu.br/revista/index.php/reci/article/view/402/391>. Acesso em: 27 mar. 2020.

TESSARO, Gilson; FOSCHIERA, Elisabeth Maria. Agroecologia e Ecopedagogia: bases para o re-educar da educação. *Revista Brasileira de Agroecologia*, v. 2, n. 1, fev. 2007.

UNESCO. **A carta da terra**: transformando a consciência em ação para uma terra próspera. UNESCO: 2000. Disponível em <<https://earthcharter.org/discover/the-earth-charter/>>, acesso em 27 de março de 2020.

VAZ, Janaina Morina; CASTRO, Douglas de. Disney e a Educação. *Revista Direito e Sustentabilidade da Universidade Paulista*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 23-37, nov. 2016.

Disponível em:

[https://www.researchgate.net/profile/Denny\\_Thame/publication/309387968\\_Revista\\_Direito\\_e\\_Sustentabilidade\\_novembro\\_de\\_2016/links/580d76ac08ae2cb3a5e3c590/Revista-Direito-e-Sustentabilidade-novembro-de-2016.pdf#page=24](https://www.researchgate.net/profile/Denny_Thame/publication/309387968_Revista_Direito_e_Sustentabilidade_novembro_de_2016/links/580d76ac08ae2cb3a5e3c590/Revista-Direito-e-Sustentabilidade-novembro-de-2016.pdf#page=24)